



AH! NANA! AS MULHERES E OS QUADRINHOS NA FRANÇA

Natania A S Nogueira*

INTRODUÇÃO

As Histórias em Quadrinhos (chamadas de Bande Dessinée em países de língua francesa), também conhecidas como 9º Arte, pertencem totalmente à cultura contemporânea. Em várias partes do mundo elas emergiram na década de 1960 com um espaço inovador, libertador, uma vanguarda que clamava por mudanças sociais. As Histórias em Quadrinhos ultrapassaram o estigma de um simples entretenimento para se tornarem um instrumento de crítica social, provocando reações e instigando debates. A década de 1960 inaugurou um novo tempo para a 9º Arte. Os quadrinhos foram gradualmente conquistando respeito e sendo aclamados pela sua produção artística e literária, tornando-se uma referência dentro da cultura de massa.

As mulheres fazem quadrinhos e os utilizam como meio de expressar seu desejo por maior participação, reconhecimento social e profissional. Estas mulheres usaram e usam os quadrinhos para militar a favor da igualdade entre os sexos, para tratar de temas polêmicos, expressar sua opinião e criticar a sociedade. A partir da produção francesa dos anos de 1970, poderemos compor um quadro maior da participação da mulher na sociedade, rompendo rótulos, quebrando tabus e paradigmas.

Na presente pesquisa, iremos falar sobre as mulheres, que utilizaram os quadrinhos como forma de expressão e crítica. Mulheres que nos anos de 1970, sob influência do Movimento de Liberação da Mulher, na França, lançaram a primeira obra francesa produzida por mulheres: *Ah! Nana!*. Uma revista feita por mulheres que chocou a sociedade francesa pela forma direta com que tratava questões como homoafeticidade, aborto e incesto.

Partimos da hipótese de que os quadrinhos refletem o contexto histórico de determinada sociedade. Desta forma, acreditamos que, através da análise de periódicos como *Ah! Nana!* identificamos as tendências do feminismo nos anos de 1970, na França, e seu impacto sobre a produção e participação das mulheres na indústria dos quadrinhos. Tomando por empréstimo as palavras de Hélène Lazar “o que se passa nas histórias em quadrinhos é o reflexo do que se passa na sociedade francesa”(LAZAR, 1985, 45).

* Professora da educação básica no município e Leopoldina (MG), atuando na rede pública (Escola Municipal Judith Lintz Guedes Machado) e na rede privada (Colégio Imaculada Conceição). Possui especialização (lato senso) em História do Brasil, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, Juiz de Fora (MG) e Mestrado em História do Brasil pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Niterói (RJ).

A partir destes dados é possível estabelecer comparações e identificar avanços e retrocessos com relação à inserção da mulher no mercado de trabalho, tendo como referência a indústria dos quadrinhos francesa. Trata-se, portanto, de uma História das Mulheres a partir da História dos Quadrinhos, história esta que possui ecos em todo o mundo.

As Histórias em Quadrinhos, desde o início, foram uma indústria/arte dominada pelos homens, assim como tantas outras. No entanto, isso não significou a ausência de mulheres na sua produção. Elas sempre estiveram lá, desde o início, muitas vezes escondidas atrás de pseudônimos masculinos. Segundo Cecile Dauphin, os últimos 30 anos da História dos Quadrinhos na França vêm redescobrando estas mulheres (DAUPHIN, 2005, 03).

1. A década de 1970 e o Movimento de Liberação das Mulher na França

Se, em um contexto geral, os anos de 1950 e 1960 foram marcados por um retrocesso nas conquistas femininas, a década de 1970 veio ao encontro com o desejo das mulheres de assumirem novas responsabilidades em uma sociedade caracterizada pelo machismo. Ao final da década de 1960 cresceram, nos Estados Unidos, as lutas pelo direito à contracepção e ao aborto e contra a misoginia. Reivindicava-se a igualdade moral, sexual, legal, econômica e simbólica. Na França nasce o *Mouvement de Libération des Femmes* (MLF), a partir de vários grupos que se formaram entre os anos de 1967 e 1970.

O MLF nasceu no bojo da revolução cultural, iniciada em maio 1968, com onda de protestos que vareram a França. De operários a estudantes universitários, 9 milhões de pessoas protestaram e exigiram reformas sociais e no sistema educacional. O movimento foi influenciado por várias correntes, dentre elas temos o marxismo, o feminismo, a psicanálise e o ambientalismo.

O movimento surgiu oficialmente em 26 de agosto 1970. Neste dia, um grupo de doze mulheres depositou, sob o Arco do Triunfo, em Paris, uma coroa de flores para a esposa do soldado desconhecido. Um gesto de solidariedade à greve das mulheres norte-americanas, que comemoravam neste dia o 50º aniversário do seu direito de voto. Pela manifestação, o grupo foi preso dando origem ao MFL¹. Desejavam-se mudanças, uma nova concepção de política, de cultura, e justiça social. Para atingir estes objetivos formaram-se movimentos contraculturais nos anos de 1960 e 1970 e, por meio deles, o movimento feminista expande-se por várias partes do mundo.

¹ MOUVEMENT de libération des femmes: 1970 – 2010 (2011). Disponível em: <http://zip.net/bhqZdt>, acesso em 01 mar. 2015.

Muitas vozes se levantaram para reivindicar o papel adequado para a mulher no seu contexto, para questionar o descaso com que elas eram tratadas socialmente e sua ausência da história ocidental. Embora se considere a década de 1960 como aquela que possibilitou grandes discussões e tomadas de posições, quanto às questões feministas, deve se considerar que já há bastante tempo, desde séculos passados, algumas mulheres lutavam pela igualdade de direitos entre os dois sexos (DINIZ, 2009, 1544).

As mulheres protestavam contra sua invisibilização. Queriam maior acesso à universidade, que o valor do seu trabalho fosse reconhecido e equiparado ao dos homens. Não queriam mais permanecer confinadas ao ambiente doméstico nem ter como única missão a maternidade. Exigiam o direito ao controle de fertilidade e ao controle do seu próprio corpo. Demandas que já haviam sido expostas tantas vezes, desde o início do século XX, mas que ainda não haviam sido plenamente atendidas. As mulheres queriam se libertar das amarras do conservadorismo. Elas desejavam ser reconhecidas como agentes ativos dentro das vanguardas, que surgem neste período. A palavra de ordem era liberdade.

A arte abrigou um grupo de mulheres que, por meio de produções independentes, expuseram suas ideias. Estas mesmas mulheres passaram a integrar grupos criativos e ser convidadas a contribuir com várias publicações, dentre elas as revistas em quadrinhos. Mulheres como Olivia Clavel, cartunista que se destacou no movimento *underground*² francês. Clavel foi co-fundadora do *Bazooka*, um movimento estético de vanguarda que revolucionou a arte-gráfica na França. O *Bazooka*, que durou cinco anos (1975-1980), era uma produção coletiva, provocadora, que representava o desejo de mudança compartilhado por jovens artistas³.

Para Samantha Meier, o movimento feminista trouxe uma maior conscientização das mulheres, em todas as áreas das artes, assim como um novo mercado editorial (MEIER, 2014). Surgia um novo tipo de quadrinista, mais ousado e que encontrava no *underground* um espaço para se expressar com maior liberdade. Não que tenha sido fácil. O *underground* também era um espaço predominantemente masculino mas, pouco a pouco, foram surgindo iniciativas onde as mulheres apareciam como protagonistas. Em entrevista Trina Robbins,

² *Underground* significa “subterrâneo”, é um termo usado para especificar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, aos modismos. A Cultura Underground está relacionada a várias formas de produção artística. Nos quadrinhos o Movimento Underground surgiu na década de 1960 e propunha uma completa renovação estética. Eram publicações independentes com personagens desajustados, irreverentes. Na 9ª arte, o underground perdeu força no final da década de 1980 e foi substituído por quadrinhos alternativos e os orientados para o público adulto.

³ OLIVIA Clavel. Art & BD - Planches de BD Estampes originales (2010). Disponível em: <<http://planche-bd.fr/olivia-clavel/>>, acesso em 23 de dez. de 2014.

uma das primeiras mulheres norte-americanas a trabalhar com quadrinhos *underground*, relatou algumas das dificuldades que enfrentou, por ser mulher.

Mostly, the men simply did not include me. They didn't invite me to their parties and they didn't invite me into their books. The way it worked was that a male cartoonist would decide he'd like to put together a comic book and he'd phone his buddies and invite them to contribute a story to the book, but nobody phoned me or asked me to contribute to their comics (ROBBINS, 2015)⁴.

Crescia uma imprensa feminista que contribuía para que o MLF pudesse não apenas comunicar-se entre si mas, também, ampliar seu alcance. Nos Estados Unidos ou na França as mulheres estavam cada vez mais engajadas. Muitas delas encontraram nos quadrinhos uma forma de defender suas posições políticas e dar visibilidade ao movimento feminino. Na década de 1970, na França, despontaram vários talentos. Olive Clavel é apenas uma dentre muitas quadrinistas que passaram a publicar em revistas e jornais. Muitas delas ganharam visibilidade com o lançamento de *Ah! Nana!*, pela *Humanoïdes Associés*, como veremos a seguir.

2. *Ah! Nana!* – mulheres também fazem quadrinhos na França

Era um momento-chave na História da Mulher. Era preciso chocar para provocar uma mudança de mentalidades. Os meios de comunicação em massa foram instrumentos utilizados pelo MLF para alcançar este fim. O MLF usou o humor e a sátira como formas de provocação. Este era o espírito que dominava *Ah! Nana!*. Contemporaneamente, temos o desenvolvimento de quadrinhos para adultos, onde os quadrinistas, homens e mulheres, estavam mais ousados e politizados (TABLET, 2006, 02).

L'émergence d'une bande dessinée pour adultes permet aux créateurs de détourner les règles de la censure jeunesse et de proposer des personnages féminins renouvelés, auxquels les lectrices peuvent s'identifier. À partir de là, les femmes, de plus en plus sensibilisées à cette littérature, s'y intéressent également en tant que créatrices (FLORIE, 2009, 35).⁵

⁴ Sobretudo, os homens simplesmente não me incluíam. Eles não me convidavam para suas festas e eles não me convidavam para participar em seus álbuns. O jeito que funcionava era assim: um cartunista homem decidia que ele gostaria de fazer uma história em quadrinhos e ele selecionava seus amigos e os convidava a contribuir com uma história para o álbum, mas ninguém me telefonava ou solicitava minha contribuição em seus quadrinhos (tradução do original).

⁵ O surgimento de um quadrinho para adultos permite aos criadores escapar às regras da censura do material juvenil e propor personagens femininas renovadas, com as quais as leitoras podem se identificar. A partir daí, as mulheres, cada vez mais conscientes dessa literatura, se interessam também em assumir o papel de criadoras (tradução do original).

Ah! Nana! foi uma revista trimestral lançada em outubro de 1976 na França, que tinha uma peculiaridade: era produzida inteiramente por mulheres. Foi a primeira iniciativa do tipo, na história dos quadrinhos franceses. Os objetivos da revista foram esclarecidos já em seu primeiro número: oferecer às mulheres um espaço onde pudessem dizer o que pensavam, seja pela “caneta ou pincel”, sem qualquer restrição. A primeira edição contou com sessenta e seis páginas com quadrinhos, artigos, comentários e contos (MACLEOD, 2011).



FIGURA 01 - Ilustração de Chantal Montellier
– “A única revista em quadrinhos feita por mulheres.”
– “Proibida para homens!!!!”⁶

Era, principalmente um espaço para as mulheres, mesmo para aquelas que não eram diretamente ligadas às bande dessinée (BD). Segundo Blanche Delaborde, “*Ah ! Nana* devait être un espace d'expression pour des femmes dessinatrices ou scénaristes de bande dessinée, mais aussi pour des femmes journalistes ou écrivains” (DELABORDE, 2006, 02)⁷. Mas a revista não excluía os homens. Eles, por vezes, apareciam como colaboradores, dentre eles autores conhecidos no mundo dos quadrinhos como Jacques Tardi e Moebius.

Antes de *Ah! Nana!* já circulavam produções em quadrinhos realizadas por homens e mulheres, engajadas com o movimento feminista. Uma das mais importantes foi a *Wimmen's Comix*⁸, criada em 1970. A revista pertencia ao movimento *underground* norte americano e foi publicada pela *Last Gasp* até 1992 (MEIER, 2014). Ela era basicamente uma antologia de quadrinhos *underground*, só de mulheres. Cada título apresentava uma equipe editorial

⁶ Imagem cedida por Trina Robbins, parte integrante do livro "Last Girl Standing," copyright 2016.

⁷ *Ah ! Nana!* deveria ser um espaço de expressão para as mulheres desenhistas ou roteiristas de histórias em quadrinhos, mas também para jornalistas ou escritoras (tradução do original).

⁸ Nome mais tarde mudado para *Wimmin's Comix*.

diferente. Foi a forma encontrada pelos seus colaboradores de garantir que todos tivessem o mesmo espaço para expressar suas ideias. Esta revista teria sido a principal inspiração para *Ah! Nana!*, publicada seis anos depois (DELABORDE, 2006, 03).

Trina Robbins foi uma das colaboradoras da *Wimmen's Comix* e também participou de *Ah! Nana!*. Para Robbins quadrinista norte-americana, *Ah! Nana!* Era, enquanto publicação era superior a *Wimmen's Comix*.

Ah! Nana! was simply better. It included comics by women all over Europe as well as America, and these women were good! They were much better than the women who contributed to Wimmen's Comix, at least in the beginning. And the format was magazine format, on good paper, while Wimmen's was printed on cheap comic paper. I was extremely honored that the editor, Janic Guillerez, considered me to be good enough to be included in Ah! Nana! (ROBBINS, 2015)⁹.

Segundo Catriona Macleod, os primeiros dois números de *Ah! Nana!* continham textos e quadrinhos com os mais diversos temas. A partir da terceira edição adotou-se um tema central e os artigos e as tiras passaram a ter um fio condutor (MACLEOD, 2011). O primeiro dossiê, por exemplo, foi consagrado ao nazismo.

Dentre as colaboradoras da revista podemos citar, Trina Robbins, Shary Flenniken, Florence Cestac, Nicole Claveloux, Chantal Montellier, Aline Isserman e Cecilia Capuana. Percebe-se que, mesmo se tratando de uma publicação francesa, a revista estava aberta a artistas de outras nacionalidades. Trina Robbins, Shary Flenniken, Sharon Rudhal e Mary Kay Brown, por exemplo, representava as norte-americanos e Cecilia Capuana, por sua vez, é italiana.



⁹ *Ah! Nana!* era simplesmente melhor. [A revista] incluía quadrinhos de mulheres de toda a Europa bem como dos Estados Unidos e essas mulheres eram boas! Elas eram muito melhores que as mulheres que contribuía no *Wimmen's Comix*, ao menos no início. E o formato era o formato de revista, com um bom [tipo de] papel, enquanto que *Wimmen's* era impressa no [tipo] barato de papel para quadrinhos. Eu fiquei extremamente honrada que a editora, Janic Guillerez, me considerou boa o suficiente para ser incluída na *Ah! Nana!*

FIGURA 02 - Nicollet, Janic Guilerez, P Jean Pierre Dionnet e Kellek¹⁰

Ah! Nana! estabeleceu um diálogo, um intercâmbio entre quadrinistas de vários países. Em comum elas tinham o seu envolvimento com o movimento *underground* e o fato de estarem comprometidas, em maior ou menor escala, como o movimento feminista. Este aspecto pode ser considerado como uma característica da revista, uma arte sem fronteiras, um feminismo internacional.

Cecília Capuana encontra-se dentro deste perfil. Começou sua produção influenciada pelo movimento de 1968. Colaborava, na época, com a revista satírica *Becco Rosso*, na Itália, uma revista *underground*. Foi uma das colaboradoras de *Ah! Nana!* e também participou da *Métal Hurlant*, revista em quadrinhos que também era publicada pela *Humanoides Associé*. Muitas quadrinistas migraram para a *Métal Hurlant* após o fim de *Ah! Nana!*. A *Métal Hurlant* era uma revista com engajamento político que respeitou as ideias e as posições políticas dessas mulheres, que puderam continuar expressando sua opinião através da arte, das representações em quadrinhos da sociedade francesa, da mulher francesa. Sobre sua experiência na *Métal Hurlant*, Capuana declarou em entrevista:

Appassionante, l'arte del disegno era al primo posto, erano gli eredi di Daumier, Dorè, Blake, c'era attenzione alla qualità del lavoro, è stato fatto un salto di qualità rispetto al fumetto tradizionale. La fantascienza era privilegiata ma anche l'impegno politico e la musica rock (CAPUANA, 2015)¹¹.

Para muitas cartunistas, como Chantal Montellier, *Ah! Nana!* representou o início de uma carreira de sucesso. Montellier é uma pioneira nos quadrinhos franco-belgas tendo sido a primeira mulher a participar da imprensa política. Uma das características marcantes do seu trabalho é o uso da ficção social: focaliza uma sociedade em um dado momento e, levando em conta que ela contém em si os germes da desigualdade, do autoritarismo, da violência econômica, sexismo, etc., imagina seu futuro, duas, três ou cinco décadas mais tarde. Para *Ah! Nana!* ela criou o personagem *Andy Gang*, um “inspetor corajoso”, cujas tiras eram inspiradas em fatos reais de violência (DELABORDE, 2006, 05).

Ah! Nana! era, em primeiro lugar, um espaço de expressão feminina, mas não se reduzia somente a isso. Os temas tratados pela revista eram controversos e envolviam desde

¹⁰ Imagem cedida por Trina Robbins, parte integrante do livro "Last Girl Standing," copyright 2016.

¹¹ Cativante, a arte do desenho estava em primeiro lugar, eram os herdeiros de Daumier, Dore, Blake, havia a atenção para a qualidade do trabalho, foi feito um salto de qualidade em relação ao quadrinho tradicional. A ficção científica foi privilegiada, mas também o compromisso político e rock (tradução Valéria da Silva Fernandes).

tabus a questões políticas. Nem todas as tiras publicadas tinham personagens femininas e nem todos os artigos estavam diretamente relacionados ao movimento feminista.



FIGURA 03 - Página de Ah! Nana! (s/d)¹²

Ah! Nana!, se podemos assim afirmar, era um termômetro da sociedade francesa. Ela continha em suas páginas assuntos de interesse de mulheres e homens e, se boa parte deles era polêmico, esta polêmica vinha de uma demanda social. *Ah! Nana!* representava um grito ensurdecedor numa sociedade em que certos assuntos eram apenas sussurrados. Segundo Virgine Tablet, ao se referir ao surgimento de *Ah, Nana!*,

Son apparition s'inscrit dans un contexte culturel qui consacre la bande dessinée et plus encore dans un contexte social marqué par l'émancipation des femmes et les conquêtes féministes. En effet les années 1970 sont considérées comme celles de l' « âge d'or » de la bande dessinée. On assiste en France à l'essor des bandes dites pour adultes, et il est de bon ton de faire sauter les tabous (TABLET, 2006, 02)¹³.

A revista era direcionada ao público feminino e suas autoras escreviam para as mulheres sobre assuntos que interessavam a elas. Era, também, uma revista para adultos, com um conteúdo mais denso. *Ah! Nana!* nasceu para ser uma revista engajada, usando humor e ironia em seus quadrinhos e denunciando abusos. Ela exigia o fim das desigualdades e justiça para mulheres que eram vítimas de violência. (TABLET, 2006, 04). Era uma revista de conteúdo político

¹² Imagem cedida por Trina Robbins, parte integrante do livro "Last Girl Standing," copyright 2016.

¹³ Seu aparecimento se insere em um contexto cultural que consagra os quadrinhos e mais ainda em um contexto social marcado pela emancipação das mulheres e pelas conquistas feministas. De fato os anos 1970 são considerados a "era de ouro" dos quadrinhos. Assiste-se na França o surgimento dos quadrinhos ditos para adultos, e destruir os tabus está na moda.

Ah! Nana aura permis de montrer le large panel des styles que peuvent élire les femmes auteures de bandes dessinées, et d'aller ainsi à l'encontre des idées reçues qui voudraient ignorer qu'il existe des bandes dessinées de femmes. La plupart des auteures publiées dans *Ah! Nana* ont en outre abordé directement la question de la condition féminine. L'influence du discours féministe est flagrante dans l'inventaire des thématiques abordées : on trouve ainsi un nombre impressionnant de bandes dessinées ayant pour thème les violences (notamment sexuelles) faites aux femmes, la maternité, le plaisir féminin, la domination masculine, la prostitution... (DELABORDE, 2006, p. 07).¹⁴

Por conta de seu conteúdo adulto, voltado para mulheres, *Ah! Nana!* foi interdita, em agosto de 1978. O anúncio foi publicado no *Journal Officiel*. Em sua edição de nº. 09, *Ah! Nana!* trazia um dossiê sobre incesto, o que provocou a censura da revista, acusada de pornografia. Para a equipe de edição, a censura nada mais era do que um ato de dominação masculina, de uma sociedade machista que não aceitava ser criticada por um grupo de mulheres que se exprimiam com toda a liberdade e encorajavam outras mulheres a fazerem o mesmo. Nas palavras de Chantal Montellier, tratou-se de uma “censura escandalosa” (MONTELLIER, 2015).

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Prestes a completar 40 anos de seu lançamento, *Ah! Nana!* ainda é um marco na luta das mulheres pela conquista de espaço dentro da indústria dos quadrinhos. Os desafios ainda são grandes, mas o número de mulheres que tem se destacado nesta área vem crescendo, apesar das dificuldades, que são muitas. No Brasil, por exemplo, o número de mulheres que trabalham com quadrinhos vem ganhando visibilidade, mas a abertura do mercado ainda é pequena. Segundo a quadrinista Ana Luiza Koehler, que trabalhou muitos anos no mercado europeu e atualmente vem produzindo para o mercado nacional, o talento por si só ainda não é suficiente,

Acho que nosso trabalho em si ainda não basta, nunca bastou. Creio que ainda sofremos muito com desprestígio e invisibilização em relação aos autores homens. É só lembrar de quantas reportagens listando "quadrinhistas brasileiros." Ainda só citam homens. Enfim, é a minha percepção¹⁵.

¹⁴ *Ah! Nana* permitiu mostrar a ampla gama de estilos que podem adotar as mulheres autoras de histórias em quadrinhos e também quebrar os pressupostos de que não existem quadrinhos femininos. A maioria das autoras publicadas em *Ah! Nana* também abordou diretamente a questão da condição feminina. A influência do discurso feminista é flagrante na relação dos temas abordados: encontramos assim um número impressionante de histórias que têm como tema a violência (particularmente sexual) contra as mulheres, a maternidade, o prazer feminino, a dominação masculina, a prostituição...

¹⁵ Comentário feito pela autora durante conversa sobre o tema, no dia 22 mar. 2015.

Esta percepção é compartilhada por muitas outras mulheres quadrinistas, em outros países. Questionadas sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na indústria de quadrinhos, veteranas como Trina Robbins, Chantal Montellier e Cecília Capuana concordam que o maior desafio ainda é “ser mulher”. Montellier (2015) chama a atenção para o fato de que a maior parte dos editores são homens e que não se reconhecem nas imagens de mulheres. Sentem-se desestabilizados e temem a castração.

Segundo dados da *Association des Critiques et des journalistes de Bande Dessinée*, de 2010, a indústria dos quadrinhos na França oferece ao público cerca de 5.000 novos títulos anualmente, o que representa cerca de 7% do volume de publicações (PERFETTI, 2014). Em toda a Europa francófona, apenas 12% dos cartunistas são mulheres (ALFÉEF, 2011). Embora a porcentagem de mulheres atuando na área ainda seja pequena, ela tem crescido em relação ao grupo masculino. Em 2001, as mulheres representavam 7,2%, e em 2013 já eram 12,3% (REYNS-CHIKUMA, 2014)¹⁶.

Il est tout d'abord capital de comprendre les facteurs qui ont conduit à un investissement plus massif de la bande dessinée par les femmes. Parmi ceux-ci, les "blogs BD", que le succès peut mener au format papier (Pénélope Bagieu, Margaux Motin, Zviane et Iris), semblent jouer un rôle important, en ce qu'ils sont susceptibles d'attirer un autre public et qu'ils promeuvent d'autres types de lecture¹⁷.

Para Chantal Montellier (2015), atualmente temos um pouco mais de abertura para tratar temas polêmicos como aqueles que eram estampados em *Ah! Nana!*, mas as mulheres ainda não são encorajadas a falarem sobre “seu umbigo”, sobre a relação mãe-filha, suas roupas, etc. Ainda segundo Montellier, o que ilustra bem esta tendência de mercado é a *BD Girly*, quadrinhos voltados para o público feminino jovem, sem conteúdo político ou crítica social pertinente.

Na História das Mulheres, os quadrinhos são testemunhos de uma luta por reconhecimento e justiça social que atravessa décadas. Produções como *Ah! Nana!* e tantas outras, que surgiram a partir dos anos de 1960, nos oferecem elementos para refletir acerca dos avanços e retrocessos da sociedade ocidental nos últimos cinquenta anos. São fontes para

¹⁶ PRATIQUES de la bande dessinée au féminin. Expériences, formes, discours (2014). Disponível em: <<http://zip.net/bsqDt7>>, acesso em: 04 jan. 2015.

¹⁷ É importante primeiro entender os fatores que levaram a um investimento maciço de quadrinhos por mulheres. Entre eles, os "blogs BD", cujo sucesso pode levar ao suporte papel (Penelope Bagieu, Margaux Motin, Zviane e Iris), ocupam lugar importante por atraírem outros públicos e promoverem outros tipos de reprodução (tradução da autora). PRATIQUES de la bande dessinée au féminin. Expériences, formes, discours, Ibid, 2014.

a história de mulheres que produzem e consomem arte e, sobretudo, de mulheres que possuem e expressam suas opiniões.

REFERÊNCIAS

- ALFÉEF, Emmanuelle. *Peu de femmes dans la BD, mais pas de machisme En savoir plus sur* (2011). Disponível em: <<http://zip.net/blqCxy>>, acesso em: 04 jan. 2015.
- CAPUANA, Cecília. Entrevista concedida no dia 17 jan. 2015.
- DAUPHIN, Cécile. La bande dessinée: un nouveau chantier pour l'histoire des femmes et du genre. Introduction. *Journée d'études de l'association Mnemosyne*, octobre 2005. Disponível em: <http://www.mnemosyne.asso.fr/uploads/Journee-etudes/2005/BD_intro.pdf>, acesso em: 03 mar. 2015.
- DELABORDE, Blanche. Ah ! Nana : les femmes humanoïdes. *9ème Art 2.0*, 2006. Disponível em: <<http://neuviemart.citebd.org/spip.php?article128>>, acesso em: 28 dez. 2014.
- DINIZ, Carmen Regina Bauer. Movimentos feministas da década de sessenta e suas manifestações na arte contemporânea. *Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais*. – Salvador, 2009, p. 1541 – 1555. Disponível em: <<http://zip.net/bcqY5y>>, acesso em: 01 mar. 2015.
- FLORIE, Boy. *Les femmes dans la bande dessinée d'auteur depuis les années 1970. Itinéraires croisés : Claire Bretécher, Chantal Montellier et Marjane Satrapi*. Sous la direction de Sophie Chauveau Maître de conférences en histoire – Université Lyon II Lumière, 2009.
- LAZAR, Hélène. Quatre femmes en colère. Montréal, *La Vie en rose*, no 29 (sept. 985), 1985, p. 44 – 47. Disponível em: <<http://zip.net/blqYJ5>>, acesso em: 14 jan. 2015.
- MACLEOD, Catriona (2011). *Ah! Nana: The Forgotten French Feminist Comics Magazine*. Disponível em: <<http://zip.net/bfqY5w>>, acesso em: 02 dez. 2015.
- MEIER, Samantha. *Between Feminism and the Underground* (2014). Disponível em: <<http://zip.net/bjqY9x>>, acesso em: 02 mar. 2015.
- MONTELLIER, Chantal. Entrevista concedida no dia 26 jan. 2015.
- MOUVEMENT de libération des femmes: 1970 – 2010 (2011). Disponível em: <<http://zip.net/bhqZdt>>, acesso em: 01 mar. 2015.
- OLIVIA Clavel, Art & BD - Planches de BD Estampes originales (2010). Disponível em: <<http://planche-bd.fr/olivia-clavel/>>, acesso em 23 de dez. de 2014.
- PRATIQUES de la bande dessinée au féminin. Expériences, formes, discours (2014). Disponível em: <<http://zip.net/bsqDt7>>, acesso em: 04 jan. 2015.
- PERFETTI, Myriam. *Des femmes et des bulles* (2014). Disponível em: <<http://zip.net/btqDxK>>, acesso em: 27 dez. 2014.

REYNS-CHIKUMA, Chris (. *Pratiques de la bande dessinée au féminin. Expériences, formes, discours* (2014). Disponível em: <<http://zip.net/bsqDt7>>, acesso em: 04 jan. 2015.

ROBBINS, Trina. Entrevista concedida no dia 23 mar. 2015.

TALET, Virginie « Le magazine *Ah ! Nana*: une épopée féministe dans un monde d'hommes ? », *Clio. Histoire, femmes et sociétés* [En ligne], 24 | 2006, mis en ligne le 01 décembre 2008, consulté le 19 décembre 2014. URL : <<http://clio.revues.org/4562>> ; DOI : 10.4000/clio.4562.